

**CRÔNICAS DE PRÓSPERO RIBEIRO DINIZ NO CENÁRIO ROMÂNTICO BRASILEIRO****Rinaldo Cavalcante dos SANTOS**

Em meio à vastidão de levantamentos acerca de periódicos de feição literária, além do próprio cânone literário, o desafio dessa pesquisa consiste em mostrar a relevância de uma personalidade ofuscada pela constelação de poetas, escritores, jornalistas, livreiros e intelectuais que integram o quadro sócio-político e cultural do século XIX. O reconhecimento da atividade de Próspero Ribeiro Diniz como contribuição a esse quadro, mais especificamente no segundo reinado, exige que se entrevejam algumas constantes em suas crônicas. Nesse sentido, a presente pesquisa se encontra em estágio embrionário.

Antes de evidenciar algumas considerações acerca de Próspero Ribeiro Diniz, é necessário comentar algo a respeito da gazeta na qual atuou – *A Marmota na Corte* (1849 -1852)<sup>1</sup> -, o que por sua vez implica algum comentário concernente ao periodismo do século XIX.

A implantação da imprensa periódica no Brasil, conforme observa José Aderaldo Castello<sup>2</sup>, constitui, entre outros fatores, condição indispensável para a nossa expansão cultural e intelectual – nosso romantismo.

Nesse sentido, Castello refere-se tanto aos primeiros periódicos, cuja feição literária é superficial, quanto àqueles responsáveis por reflexões decisivas para a construção de uma literatura que se quer genuinamente brasileira, a saber, *Revista da Sociedade Filomática*, *Revista do Ensaio Filosófico Paulistano*, *Niterói – Revista Brasiliense*, *Minerva Brasiliense* e *Guanabara*. Essas revistas constituem expoentes, dentre outros tantos periódicos – literários ou não – que, de uma forma ou de outra, refletiam os acontecimentos e idéias de então, consoante suas convicções e orientações ideológicas. Desse modo acredita-se que cada um contribuiu a seu modo para a configuração daquela atmosfera romântica. Muito valiosa é a afirmação de Nelson Werneck Sodré<sup>3</sup> sobre a relação dialética entre imprensa e sociedade, na qual uma influencia a outra.

*A Marmota na Corte* é um desses periódicos que estão na sombra daqueles grandes expoentes. Surgiu no Rio de Janeiro a sete de setembro de 1849, por iniciativa de Próspero Diniz (redator) e Francisco de Paula Brito, editor e livreiro, que nesse tempo começava a congregar alguns intelectuais à sua volta na própria edição da gazeta, que funcionava na rua dos Ourives, nº 21. A gazeta era formada por quatro páginas, as quais eram preenchidas por diversos tipos de texto – poesia, crônica, charadas, máximas, anúncios - com variados assuntos – moda, religião, política, passeios e outras variedades - e sua publicação era bi-semanal; sua epígrafe dava uma idéia de sua variedade:

Eis a <i>Marmota</i>	Fala a verdade
Bem Variada,	Diz o que sente
Pra ser de todos	Ama e respeita
Sempre estimada	A toda gente

Situada no início do segundo reinado, *A Marmota na Corte* pode ser apresentada como uma importante fonte para a leitura e interpretação desse período, que como todo o século XIX é marcado pela intensa busca de identidade nacional, mas que possui suas peculiaridades.

Como redator d'A *Marmota na Corte*, Próspero Diniz reflete os acontecimentos da Corte nas suas contradições, o que não significa uma tomada de posições contra as instituições estabelecidas, mas antes revela uma problematização amena, à primeira vista, das questões mezinhas da Corte. Afirma-se imparcial, embora se deva suspeitar dessa imparcialidade.

Do primeiro número da *Marmota* houveram (sic) pessoas que à primeira vista supuseram que as minhas opiniões eram de sustentar partido, e ainda mais, partido de desordem, o que é sem dúvida uma má inteligência que deram escrito, no qual só tenho por fim desejar a paz entre todos os brasileiros, a sustentação da obediência e Amor ao nosso Monarca, e todo o respeito aos seus delegados que presidem o Governo nas Províncias; eu seria um degenerado, ingrato, e falto (sic) de caráter, se pronunciasse a menor palavra contra a atual administração, na qual existem homens que, prescindindo de serem do Governo, são meus Amigos e aos quais devo proteção e amizade dedicada, como sejam o Sr. Tosta, o Sr Euzébio e o Sr. Monte Alegre, homens estes que jamais em tempo algum, e nem por circunstância qualquer que seja, deixarei de venerar as sua pessoas. Longe, pois, e bem longe o eu querer desordens; porque vejo que o Brasil só pode progredir com obediência, respeito à lei e amor ao trabalho; e, além disso, o fim da *Marmota* nunca foi nem será entrar em política, e sim criticar as modas, desenvolver a poesia, e civilização, principalmente do belo sexo.

Nada de metermo-nos na política, porque essa compete ao Governo e aos Deputados, que são os caixeiros da Nação, e para isso comem mil cruzados, que não é tão pouco.

*A Marmota* só trata de artigos científicos, analíticos e jocosos; recebe correspondências que não personalizem, porém que critiquem abusos da civilização, sujidade das ruas, espertezas dos vigários, e velhacarias dos fiscais, etc, etc; tudo nos termos da decência<sup>4</sup>.

A partir desse comentário, haja vista o fato de Próspero Diniz ter tido um desentendimento na Bahia com o então Presidente Sr Carneiro Leão, o que lhe resultou alguns dias de prisão, conforme anunciou *A Marmota na Corte* do dia 19 de abril de 1850. Portanto, seria esse um pedido de desculpas formais? Esses tempos pareciam não serem favoráveis para se expressar abertamente opiniões acerca de alguns problemas nacionais e sim para

disseminar a idéia de progresso, como faz o cronista em alguns momentos e cujo exemplo será apresentado numa oportunidade próxima.

Ao traçar algumas considerações acerca de Paula Brito como figura importante no cenário romântico brasileiro, Brito Broca<sup>5</sup> faz pequena alusão a Próspero Diniz, remetendo à atividade conjunta de ambos na gazeta *A Marmota na Corte*. Também Nelson Werneck Sodré cita essa sociedade quando alude à *Marmota* como uma gazeta de humor.

Entre Paula Brito e Próspero Diniz, o primeiro se destaca quando referido como um grande editor, responsável por impulsionar muitos jovens na carreira literária, muitos dos quais tornaram-se figuras importantes – é o caso de Machado de Assis. Diferentemente de Paula Brito, o jornalista baiano Próspero Ribeiro Diniz parece não gozar de grande prestígio e fama no cenário romântico no início do segundo império. A pesquisa aqui realizada ainda consta de escassas informações acerca do trabalho do jornalista, as quais consistem apenas em alusões feitas por Werneck Sodré e Brito Broca e também da História da Literatura Baiana<sup>6</sup>.

Antes de ser redator d'*A Marmota na Corte*, Próspero Diniz criou e atuou em outras *Marmotas*, uma na Bahia, entre 1845 e 1850, e outra em Pernambuco, em 1850.

No editorial de estréia d'*A Marmota na Corte*, o cronista, há pouco chegado da Bahia, apresenta as propostas da gazeta, antecipando-se em confessar sua “modesta formação intelectual”.

Forte arrojo! Forte atrevimento!! (Dirão por aí os leitores). Quem é o redator dessa folha chamada *Marmota*, que aí aparece? É doutor formado em alguma academia? Não, mas é lente jubilado na universidade da experiência. Sabe línguas? Não; mas traduz em português claro o idioma do coração. É barão, visconde, marquês ou comendador? Não, porém é um dos fidalgos cavalheiros descendentes em linha reta do rei do mundo o Sr Adão...

Suas crônicas - pelo menos as que até agora foram arroladas por esta pesquisa – encerram uma variedade de temas, geralmente transpassados por uma certa dose de humor e que, de certa maneira, integram um discurso caracterizado por certos conceitos moralizantes e reformadores. Além de suas crônicas conterem essas idéias, há também aquelas de conteúdos mais ao gosto de “sinhas e jovens enamorados”, como as publicadas em 11 e 14 de setembro de 1849, “O Amor” e “O Cravo e a Rosa” respectivamente, das quais a última rendeu uma pequena polêmica entre os que concordavam ou não com o redator, que defendia o cravo como símbolo da sofisticação e do bom gosto, superando a rosa em beleza.

Também não deixa, o autor, de tratar de religião, mostrando-se descontente com a hipocrisia de alguns religiosos conforme ele publica no número 16 d'*A Marmota*, a 30 de outubro de 1849, na crônica “Vista Crítica, Moral e Salutar: A Religião”, embora não ataque os valores religiosos, mais uma vez indicando seu caráter reformista:

Eis aqui um dos pontos principais, e talvez o mais importante de que o nosso governo devia tratar com todo esforço, porque nela consiste a base da boa moral e segurança da obediência do povo. A religião é sem dúvida mais importante que o dinheiro, e até que a saúde do nosso corpo, porque ela é a saúde da alma, e estando isenta de moléstias ou vícios está o corpo perfeito...

*Todos os povos e habitantes do mundo têm uma religião, isto é, obedecem e respeitam a esse poder infinito que ocultamente difunde as obras de sua misericórdia sem que vejamos seu braço, e esses mesmos selvagens, quando a respeitam, é sagrada e escrupulosamente; diferem de nós no modo de sua crença, mas o seu fim é o mesmo, e sua devoção e fé é muito maior que a nossa, o que provam pelo rigor com que guardam seus preceitos.*

E temos tantos padres, tantos cônegos, tantos frades, tantos capelães, irmandades, tantas confrarias, que formam um exército imenso de beatos, mas que todos juntos não formam um perfeito cristão...<sup>8</sup>

Percebe-se que *A Marmota na Corte* inicia sua atividade num período em que as forças conservadoras, cujas características são a unidade da pátria e o ideal monárquico, começam a prevalecer sobre a agitação e os ideais separatistas que marcaram a primeira metade do século XIX, sufocando-os. Com o estabelecimento do Império por meio do Golpe da Maioridade, inicia-se um período de otimismo, de crença no progresso, de um aumento de comunicação com a Europa, e um afloramento de poetas e romancistas, figuras obrigatórias nos salões, conforme observa Ubiratan Machado. Esse autor ainda observa que tal otimismo implica uma aparente paz interna e deslumbramento, que na verdade “encobrem problemas graves como a escravidão – tratada quase em surdina -, o vazio demográfico de imensas regiões, o despreparo do exército para um eventual conflito e as incertezas quanto à imigração européia, tema que o próprio imperador evitava, temendo uma mudança brusca no caráter nacional, com conseqüências imprevisíveis para o país”<sup>9</sup>.

Conquanto o redator d’*A Marmota* declare o seu caráter imparcial, deve-se suspeitar, como já foi dito, de sua imparcialidade, visto que suas crônicas não deixam de refletir algo desse período. No entanto, não se pode confirmar esta ou aquela tomada de posição de imediato, sem correr o risco de se deparar com a uma heterogeneidade de temas, para os quais o autor tenta estabelecer uma pequena polêmica. Se por um lado, o cronista exalta a figura do monarca, o progresso, a paisagem nacional, por outro, ele critica os desleixos de algumas instituições, reclama uma atenção especial para a infra-estrutura da cidade e, ao que parece, vai de encontro a algumas questões do senso comum:

A Tijuca! A Tijuca! A cascata da Tijuca! Ouvia eu afamar-se com grande admiração, como se fosse um paraíso terrestre.

Moveu-me a curiosidade e fui na terça-feira passada ver essa maravilha encantadora; andei mais de duas horas subindo, e descendo barrocas, e ladeiras tortuosas para ver no fim choupanas muito e mal acabadas; o

lugar é desengraçado o mais possível, só se vêem montanhas enormes, ribanceiras, e nada de planície; a tal cascata, que pensei ser alguma obra de admiração, feita na Antigüidade, é uma coisa que na minha terra se chama cachoeira d'água, e há imensas nos arrabaldes da cidade da Bahia; é unicamente uma porção de água caindo de um monte, sem beleza, nem regularidade alguma<sup>10</sup>.

Desse modo, em suas crônicas pode-se verificar uma tendência ao debate, o que implica sátiras ou críticas de costumes, ainda que de forma amenizada.

Cabe aqui se perguntar quem foi o público leitor dessa gazeta, se sua tiragem foi significativa e como incidiu no panorama romântico do segundo reinado.

A citação abaixo - tirada do editorial do número 9 da gazeta, a 05 de outubro de 1849 - permite realizar uma certa inferência acerca das duas primeiras perguntas, embora se trate de uma representação do redator:

Já é preciso reimprimir os primeiros números! Os estudantes levam-nas dentro do livro para lerem na aula; as moças guardam-nas na gavetinha do piano; os procuradores de causas dentro de autos; e os frades “no capello”. Com efeito, estou admirado! Nunca pensei que o povo desta corte fosse tão extravagante, que tendo tanta gazeta por aí cheia de sabedoria, e artigos de descompostura, que é coisa tão agradável, desse tanto apreço à *Marmota*; e além disto sendo esta folha escrita por um rapaz tão feio<sup>11</sup>.

Seria esse o público alvo do redator? Ele conseguiu efetivamente atingir esse público alvo? Não seria apenas um recurso de autopromoção, propaganda? Certo é que, mesmo quando deixara a gazeta, essa perdurou até 1862, com o nome modificado para *Marmota Fluminense*, sob o comando de Paula Brito, o que indica de algum modo seu sucesso.

Muitos outros temas abordados por Próspero Diniz merecem uma atenção especial; como um interessante artigo sobre as mulheres – publicado no número 16, a 30 de outubro de 1849 -, ou sobre a fábrica de fundição estabelecida na Ponta D'Areia, ou ainda os artigos sobre os teatros da corte. Mas, como foi dito, essa pesquisa está em fase embrionária, realiza-se o levantamento de suas crônicas, a busca de informações pelo próprio arquivo, contando com informações acerca do período através de uma bibliografia básica. É preciso confrontar suas crônicas com o que foi produzido no período, perceber suas constantes, suas aproximações e distanciamentos, justamente por pertencerem a um discurso cuja característica básica é a consolidação de uma ordem e unidade nacional, para assim, trazê-las a luz do debate em torno do cânone literário, por meio de uma releitura de nosso passado romântico. É esse, portanto, o horizonte para o qual essa pesquisa se volta.

**Notas**

- 
- <sup>1</sup> Consultou-se o microfilme da gazeta (*A Marmota na Corte*) no Centro de Documentação e Pesquisa (CEDAP) da Faculdade de Ciências e Letras UNESP – Campus de Assis.
- <sup>2</sup> CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1599-1960)**. São Paulo: EDUSP, v. I, 1999.
- <sup>3</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1983.
- <sup>4</sup> DINIZ, Próspero. **A Marmota na Corte**, nº 65, 07/04/1850.
- <sup>5</sup> BROCA, Brito. **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro**. São Paulo-SP: Polis; Brasília-DF: INL, 1979.
- <sup>6</sup> CALMON, Pedro. **História da Literatura Baiana**. São Paulo-SP: José Olympio Editora, 1949.
- <sup>7</sup> DINIZ, Próspero. **A Marmota na Corte**, nº 1, 07/09/1849.
- <sup>8</sup> DINIZ, Próspero. **A Marmota na Corte**, nº 16, 30/10/1849.
- <sup>9</sup> MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro-RJ: EDUERJ, 2001.
- <sup>10</sup> DINIZ, Próspero. **A Marmota na Corte**, nº 13, 19/10/1849.
- <sup>11</sup> DINIZ, Próspero. **A Marmota na Corte**, nº 9, 05/10/1849.